

Universidade de São Paulo
3º Simpósio Iberoamericano de História da Cartografia
Agendas para a História da Cartografia Iberoamericana
São Paulo, abril de 2010

Expedições Jesuíticas e cartografia americana: séculos XVII e XVIII

Artur Henrique Franco Barcelos

Resumo

Durante dois séculos e meio, entre os séculos XVII e XVIII, os missionários da Companhia de Jesus percorreram extensos territórios americanos com objetivos variados. Suas expedições se expandiram em áreas como o Oeste da América do Norte, a península da Califórnia, a Amazônia, a Região Platina, a Patagônia, e as ilhas caribenhas, entre outras. Das observações feitas nestas regiões restaram múltiplos relatos e uma vasta cartografia, composta de croquis, esboços e mapas propriamente ditos. Em muitos casos, os jesuítas foram os primeiros a realizar descrições escritas e cartográficas de áreas onde a conquista e a colonização espanhola ainda não havia se efetivado. E mesmo após a expulsão dos inicianos, em 1767, a produção cartográfica destes religiosos não se encerrou, existindo uma importante elaboração de mapas feita por padres e irmãos exilados na Europa. O objetivo deste trabalho é apresentar alguns estudos de casos, baseados na cartografia resultante, considerando seu contexto de produção e circulação, bem como seus elementos iconográficos e simbólicos.

Palavras chave: Jesuítas, cartografia, missões jesuíticas.

Expedições Jesuíticas e cartografia americana: séculos XVII e XVIII

Artur H. Franco Barcelos¹

Quando os jesuítas chegaram à América, na segunda metade do século XVI, encontraram uma grande variedade de crenças e manifestações espirituais entre os indígenas, desde o extremo Norte, na Nova França, até a Terra do Fogo. Esta diversidade significava as distintas formas como os indígenas explicavam o mundo, sua origem e sua história. Significava também suas formas de representação da geografia da qual faziam parte. Frente à isto, os inicianos irão propor, lentamente, sua visão de mundo, cristã, católica, universalista e uniforme da realidade. Entre as mudanças propostas pelos europeus, estavam as formas de representação gráfica do mundo, que assim como as histórias e crenças, eram distintas das dos indígenas. Desta forma, o conhecimento cartográfico vai se desenvolvendo na América, enquanto as possíveis práticas dos indígenas vão sumindo entre as caixas do esquecimento forçado. E para isto muito contribuiu a ação dos jesuítas, visto que, entre os homens da Igreja Católica em particular, e europeus em geral, foram os mais destacados na promoção do fazer cartográfico entre os séculos XVII e XVIII.

Esta ação jesuítica sobre o espaço americano se deu através de um constante movimento de desconstrução e reconstrução das espacialidades locais. De seus núcleos iniciais, assentados na estrutura dos colégios urbanos, ampliaram largamente sua intervenção, seja através das propriedades vinculadas diretamente aos colégios, seja através das reduções e a necessária reorganização espacial para sua manutenção e integração à sociedade colonial espanhola. Deste proceder resultaram as espacialidades reais e concretas dos objetos edificadas e das intervenções sobre a natureza. Tanto o espaço natural, como aquele construído em companhia dos indígenas foram objetos de registros textuais dos jesuítas. Do espaço concreto sobreviveram suas formas arqueológicas ou arquitetônicas patrimoniais. Do espaço pensado ou imaginado, suas descrições e interpretações. Paralelo e diretamente relacionados a ambos, estão os documentos cartográficos produzidos pelos jesuítas.

Parece plausível e até certo ponto óbvio que um conjunto tão amplo de atividades relacionadas a organização espacial deveria gerar um aporte cartográfico compatível. Entretanto, em outras ordens religiosas cujos trabalhos de evangelização na América também alcançaram uma ampla dimensão, como é o caso dos franciscanos,

¹ Doutor em História, Professor da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, e do PPGH da Universidade Federal de Pelotas, UFPEL.

não se verifica uma produção cartográfica numerosa e diversificada como aquela operada pelos integrantes da Companhia de Jesus. A cartografia jesuítica, assim como os escritos jesuíticos, expressa, a sua maneira, a espacialidade americana sobre a qual interferiram os inicianos, bem como a reorganização espacial a que se propuseram. Os mapas resultantes desta faceta dos jesuítas na América são importantes não somente pela quantidade em que foram produzidos, mas também por seu alcance em termos territoriais. Somados, cobrem praticamente todas as áreas do continente americano. Foram, em muitos casos, os primeiros mapas geograficamente orientados para muitas regiões do continente.

Em uma visão diacrônica, mapas realizados pelos jesuítas podem ser encontrados desde o século XVI até o final do século XVIII. Não houve Província Jesuítica na América espanhola em que algum membro da ordem não se tenha feito cargo de elaborar mapas. E não houve outra ordem religiosa na América colonial em que este caráter cartográfico fosse tão explícito. É esta dimensão espacial, abarcando quase toda a América, e esta produção por mais de dois séculos que reforçam a diferença de caráter da ação sobre o espaço entre a Companhia de Jesus e as demais ordens católicas no período colonial. Talvez o elemento diferencial esteja na própria forma de atuação dos jesuítas, onde os registros sobre o espaço americano se constituíram como parte fundamental da ação evangelizadora. Desta forma, os mapas, planos, croquis, entre outros, se tornaram outra forma de expressar, aprender e comunicar as percepções e alterações do espaço vivido, enquanto serviram como instrumentos de ação sobre o mesmo.

Os mapas jesuíticos refletem a representação visual de um duplo movimento. Por um lado, a organização interna das áreas onde os estabelecimentos coloniais – incluídos aqueles gerados pela ação missionária – alcançavam certa estabilidade, com a cartografia a serviço do registro da localização dos elementos naturais e, sobretudo, artificiais, que reafirmavam esta organização. Por outro lado, a ampliação do raio de ação, com a penetração em áreas ainda não integradas a colonização, onde a cartografia agregava informações novas, resultantes das expedições exploratórias, permitindo assim, a correção dos equívocos e o planejamento de ações futuras. Tanto em um caso como no outro, o gradual aumento da produção cartográfica ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII demonstra a importância que este saber foi adquirindo para a Companhia de Jesus.

Em um primeiro momento, os mapas jesuíticos expressam o desejo de comunicar as ações realizadas, seja no plano da organização do espaço, seja na exploração e “descobrimento” de novas áreas. Comunicar de forma visual, e não apenas à nível textual. Texto e mapas constituem assim, ramos do grafismo, sendo os mapas eficazes para “... “...expressar idéias, formas e relações contidas no lugar e no espaço tridimensional.” (AMARAL,1999:33). A cartografia jesuítica serve de medida não apenas para a importância que a exploração, a conquista, a organização e o controle do espaço adquiriram para a Companhia de Jesus, senão também para sua divulgação. Mapas jesuíticos foram publicados na Europa ao longo de toda a presença dos inicianos na América no período colonial. Acompanhando cartas e livros, ou compondo coletâneas cartográficas, foram dados a conhecer, entre outros, os mapas de Eusebio Kino sobre o noroeste da *Nueva España* e da Baixa Califórnia; de Joseph Gumilla e Samuel Fritz sobre a região amazônica; de Diogo Soares sobre o Rio da Prata e o Sul do Brasil; de Bernardo Havestadt sobre o Chile; além dos mapas de Bernardo Nurdorffer sobre as reduções de Guaranis; de Joaquín Camaño sobre o Gran Chaco; e de José Quiroga e José Cardiel para a Província Jesuítica do Paraguai e adjacências.

Outros poderiam ser citados, mas estes são suficientemente demonstrativos da área coberta pelos mapas jesuíticos. Na medida em que os mapas eram publicados na Europa, mais candidatos a missionários iam tomando contato com esta cartografia. E, assim como os textos descritivos que circulavam em várias publicações, os mapas iam colaborando para as primeiras impressões sobre a geografia americana. Impressões estas que logo se modificavam quando os novatos se deparavam com as “dilatadas” terras da coroa espanhola. Houve jesuítas que chegaram na América já de posse de alguns mapas publicados na Europa, que logo trataram de contrastar com a realidade geográfica que iam reconhecendo. Antonio Sepp trouxe consigo um mapa que procurou comparar com o que via ao longo de seus trajetos pelas reduções do médio Uruguai (SEPP, 1980:111-112), e Eusebio Kino relata que:

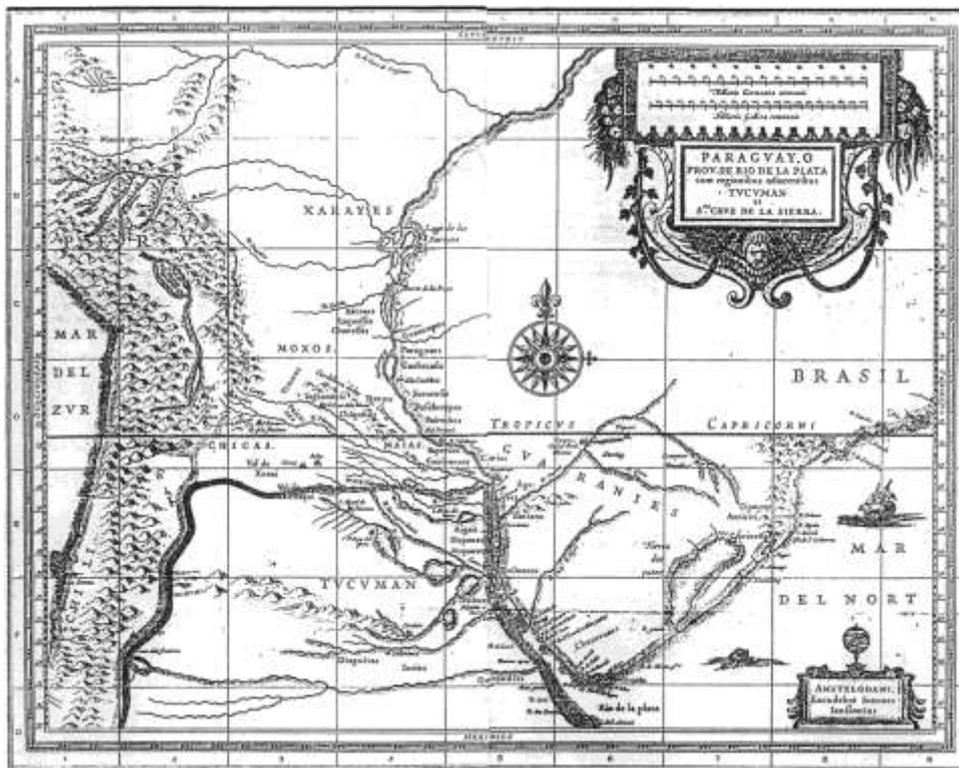
“En la insigne Universidad de Ingolstad de Baviera imprimió en mi tiempo un muy curioso mapa universal de todo el mundo terráqueo mi Padre maestro de matemáticas, el P. Adamo Aigenler. [...] Este mapa, que lo truxe conmigo a las Indias, [...] pone muy bien la California, no isla, sino península [...] pero ahora [...] he descubierto con toda individualidad, certidumbre y

evidencia, con la abuja de marear y astrolabio en la mano, que la California no es isla sino penisla o istmo y que en 32 grados de altura ay passo por tierra a dicha California [...]”(KINO,1922:157)

Em que pese a riqueza informativa, há poucos trabalhos específicos sobre as fontes cartográficas jesuíticas. A coletânea de Guillermo Furlong, que abarca a área da Província Jesuítica do Paraguai, segue sendo a obra de referencia mais significativa (FURLONG,1936). Está composto de cento e onze mapas descritos, dos quais o autor oferece a reprodução de cinquenta e um. Furlong recorreu arquivos e bibliotecas na América Latina, Europa e Estados Unidos para localizar os originais ou cópias de mapas jesuíticos. Também revisou uma vasta bibliografia para identificar as publicações dos mapas. Ainda que extenso, o trabalho de Furlong se limitou a uma descrição superficial dos mapas e uma busca por comprovar autorias. Para o caso da *Nueva España*, Ernest Burrus realizou um estudo que contempla a reprodução de quarenta e seis mapas. É preciso considerar ainda o fato de que ambos, Furlong e Burrus eran jesuitas, o que lhes facilitou o acesso as fontes. Pode-se incluir ainda os trabalhos de Miguel Angel Stefañuk (1991) e Miguel León-Portilla (1989). Muitos outros mapas que não estão nestas coletâneas podem ser localizados em fundos arquivísticos. Há também uma significativa quantidade de reproduções dispersas em diversas publicações. Um catálogo completo da produção cartográfica jesuítica é uma obra que ainda reclama sua elaboração e publicação.

Toda esta quantidade e variedade da produção cartográfica jesuítica não impediu determinados equívocos. Não só aqueles decorrentes das limitações de conhecimento geográfico e cartográfico da época em que foram confeccionados os mapas, mas também aqueles que estiveram ligados a crença na existência de alguns lugares que, mais tarde, se comprovaram imaginários. Me refiro, por exemplo, aos casos do Lago Parimé, que figurava em vários mapas da Amazônia; e a Cidade dos Césares, que se acreditava estar localizada ao Sul da Patagônia, próximo ao Estreito de Magalhães. No toca aos equívocos geográficos, talvez o caso mais duradouro seja o Lago Xarayes, representado na fronteira entre o Chaco paraguaio-boliviano e o Brasil, o qual foi largamente representado na cartografia jesuítica. Nem todos os jesuítas envolvidos em explorações geográficas estiveram de acordo com estas idéias, entretanto, elas não deixaram de ser freqüentes nos mapas inicianos.

Como forma de demonstrar o alcance, a variedade e as temáticas dos mapas produzidos pelos jesuítas nos séculos XVII e XVIII e que tratam de cartografar distintas áreas da América espanhola, se apresenta uma breve seqüência de mapas. Dado o alcance desta cartografia, optou-se por apresentar aqui apenas alguns exemplares cujo tema principal é a região platina. Estes mapas são oriundos do catálogo de Furlong e de outras fontes arquivísticas. Se escolheu aqueles que permitam verificar alguns aspectos da geografia e das sociedades indígenas que foram temas da cartografia jesuítica, tentando demarcar os propósitos, as práticas e os contextos revelados pelos mapas.

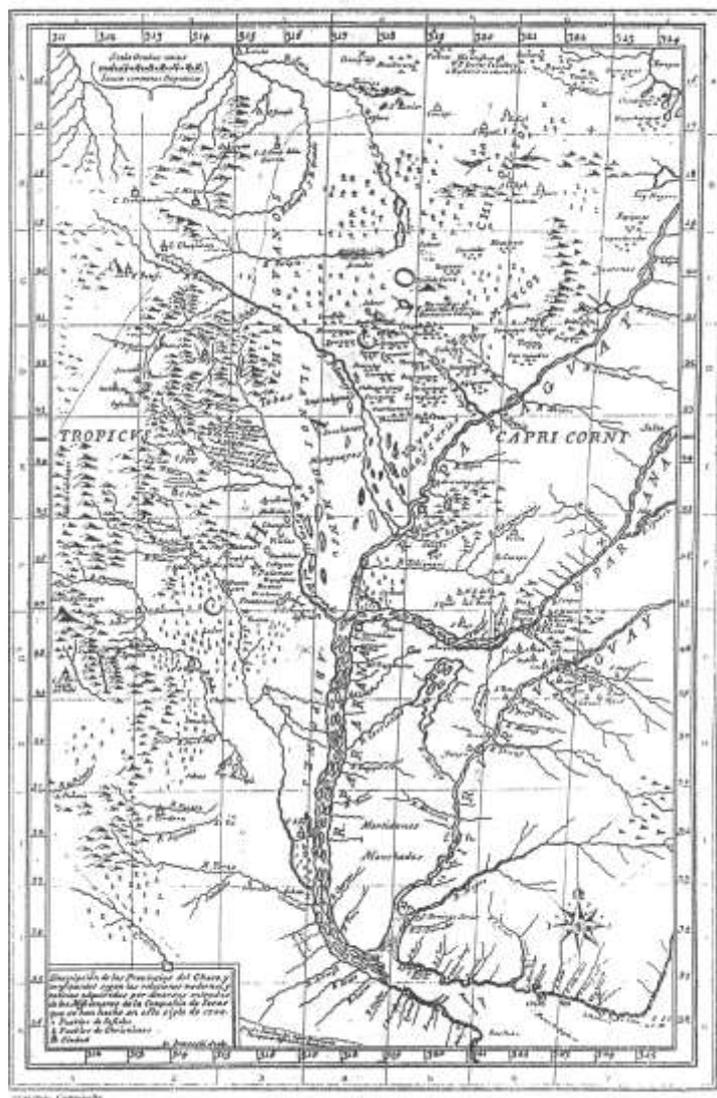


Mapa 01 - Paraguay ó Provincia de Rio de la Plata cum regionibus adjacentibus Tucuman et Sta. Cruz de la Sierra.

Segundo Furlong, este mapa seria de princípios do século XVII, indicando o ano de sua elaboração como 1609, e chegando a propor que seu autor foi nada menos que o Padre Diego de Torres, primeiro Provincial do Paraguai (FURLONG, 1936:21). É sem dúvida uma peça composta antes que fossem iniciadas as fundações de reduções no Tape, Guairá e Itatín, pois mesmo sendo incerto o ano de sua elaboração, Furlong destaca que a publicação mais antiga que se conhece é datada no ano de 1625, em uma

obra de Joannes de Leat. Maria de Fátima Costa (1999:142) ao comentar este mapa, apresenta como seu autor Jodocus Hondius II e destaca que seus mapas foram vendidos pouco antes de sua morte, em 1629, figurando nas publicações de Janssonius e Blaeu, de 1630. Sendo correta a informação de Fátima Costa, a hipótese de autoria de Diego de Torres cai por terra. Contudo, permanece a dúvida de qual seria a fonte de informações geográficas e cartográficas utilizadas por Hondius II para a criação de seu mapa.

O mapa abarca desde 6° S até 37° S, conforme demarcações presentes nas margens esquerda e direita, não apresentando as coordenadas de longitude. Está circundado por uma moldura alfa-numérica. No canto superior direito, apresenta duas escalas em milhas alemãs (*Milliaria Germanita Communia*) e francesas (*Milliaria Gallica Communia*). Na altura de 20° S, introduz uma orientação da Rosa dos Ventos. Os equívocos geográficos são evidentes. A hidrografia apresenta distorções dos cursos dos rios Uruguai, Paraguai e Paraná, e poucos afluentes estão representados. Destaca o Lago Xarayes no intercurso do rio Paraguai. No litoral do Brasil, destaca a barra do Rio Grande e a Lagoa dos Patos, ainda que não denomine esta última, somente acrescentando a toponímia *Tierra* dos Patos. A toponímia mescla expressões em espanhol e latim e, através dela, procura localizar os grupos indígenas, tais como os moxos, guaranis, charruas, quarandis, guaicurús, entre outros. Segundo Maria de Fátima Costa, este mapa foi o primeiro registro do Lago Xarayes, influenciando diversas elaborações posteriores (COSTA, 1991:143).



Mapa 02 - Descripción de las Provincias del Chaco y confinantes según las relaciones modernas y noticias adquiridas por diversas entradas de los Misioneros de la Compañía de Jesus que se han hecho en este siglo de 1700.

Novamente é Furlong quem sugere o autor deste mapa, neste caso o Padre Antonio Machoni. Foi publicado originalmente na obra *Descripcion Chorographica del Gran Chaco Gualamba*, de Pedro Lozano, editada em Madrid, em 1733. Machoni foi o responsável pela publicação da obra de Lozano e teria agregado o mapa de sua autoria. Todavia, são raras as edições posteriores que apresentem o referido mapa. Compreende desde 16° S até 36° S e, utilizando um sistema de circunferência completo para as longitudes, abarca desde 311° até 324°. A norma atual, que compreende 180° W e 180° E foi estabelecida somente em 1884, quando foi determinado o meridiano de Greenwich como padrão para demarcar os meridianos dos hemisférios Leste y Oeste. Antes, se utilizava como ponto de partida a menor e mais ocidental das Ilhas Canarias, El Hierro, o Fierro, também conhecida como *Isla Meridiana*. Outros meridianos de origem

utilizados eram os de Roma, Copenhague, Jerusalém, San Petersburgo, Pisa, Paris, Lisboa e Rio de Janeiro. Isto se devia a falta de um relógio de precisão, o que só foi possível com o invento de Harrison, em 1737(SOBEL,2000). Na Cartografia jesuítica, em quase todos os casos se utilizou o meridiano da Isla de Hierro, ainda que se encontrem outras referências.

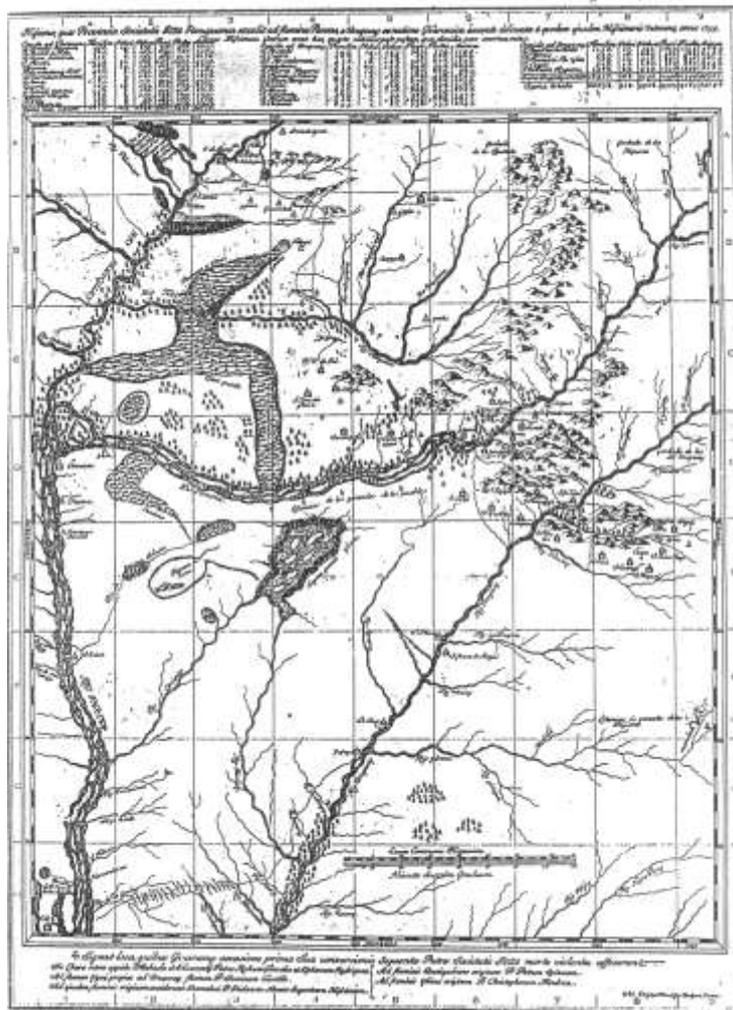
Este mapa representa a bacia do Rio de La Plata, com vários tributários importantes dos rios Uruguai, Paraguai e Paraná. Todavia, a largura do curso do baixo Paraná aparece exagerada, provavelmente em um esforço de representar as ilhas fluviais deste rio. Entre os rios Paraná e Uruguai, os *esteros* do Yberá são representados como uma laguna com áreas secas em seu interior, a qual seria a nascente dos rios Corrientes e Miriñay. Esta é uma área alagadiça (entre 9.000 e 15.000 km²) localizada na atual província argentina de Corrientes. Forma parte deste complexo o Lago Iberá, com 53 km². Contudo, pela extensão com que esta área era representada na cartografia jesuítica, se confundia com um único lago. As trinta reduções de guaranis estão em suas localizações aproximadas. Procura dar conta também da hidrografia do Chaco, com os rios Pilcomayo, Bermejo e Salado, entre outros. No extremo superior direito, figura uma extremidade do Lago Xarayes.



Mapa 03 - *Mappa Paraquariae In multis a me Correcta. Quid si in pluribus porro peralios Corrigenenda. Authore M. D. eius provinciae Misionario.*

As iniciais M.D. no título do mapa e o fato de ter sido publicado junto à obra *Historia de Abiponus*, de 1784, são indicativos de que este é um mapa de Martín Dobrizhoffer. Abarcando a área entre 306° e 326° de longitud, e entre 11° S e 37° S, apresenta uma série de imprecisões ao comparar-se com outros mapas jesuíticos. Ao Norte, no canto superior esquerdo, localiza o Lago Titicaca, ao qual denomina de Chuchito, com destaque para a proximidade da Doutrina de Juli. Entretanto, estes elementos estão isolados do conjunto cartografado e Cuzco está a nordeste de dito lago. Inclusive as reduções de guaranis, das quais os jesuítas possuíam um bom conhecimento, são apresentadas de forma bastante irregular. A hidrografia contém as mesmas imprecisões verificáveis em outros mapas jesuíticos. O curso de alguns rios é desenhado de forma incompleta, com nascentes e desagues indefinidos, como é o caso do Rio Cuarto. O equívoco mais grave está na identificação do oceano Atlântico como *Mare Pacificum*, ao mesmo tempo em que se verifica um quase total desconhecimento da costa do atual Rio Grande do Sul.

É curioso o desconhecimento de Dobrizhoffer de grande parte da região chaquenha, onde esteve como missionário por mais de uma década. Em sua obra *Historia de los Abipones*, descreve várias expedições no Chaco e áreas adjacentes. Contudo, as informações que Dobrizhoffer busca precisar em seu texto não coadunam com aquelas constantes em seu mapa. Quase toda porção Oeste do mapa carece de informações de acidentes geográficos e ocupação humana. Desta maneira, suas indicações para a localização das reduções de abipones e mocobis, assim como de pampas, são demasiado imprecisas. A única exceção se deve ao fato de que não indica um Lago Xarayes, mas sim, uma área alagadiça, segundo se verifica na legenda latina: “*Inundatio Totius Territorii Ex Annua Fluminis alluvione ortaz quam obim lacum de Xarayes Dixere.*” Curiosamente, Dobrizhoffer, em seus escritos sempre considera a importância da observação local nas descrições geográficas. Talvez o fato de ter sido elaborado no exílio italiano explique parte dos equívocos. Dobrizhoffer não se destacou como cartógrafo, e este é único mapa que lhe atribuem.



Mapa 04 - *Missiones quas Provincia Societatis Jesu Paraquarica excolit ad flumina Paraná & Uruguay ex natione Guaranica accurate delineatae á quodam ejustem Missionario Veterano, anno 1744.*

O original deste mapa se encontra na Real Biblioteca de Viena, e Furlong indica a existência de uma cópia na Universidade Nacional de Montevideo, na Coleção Cartografia Americana. Sem apresentar dados convincentes, Furlong queria crer que o autor foi o padre Carlos Recheberg, que esteve na Província do Paraguai entre 1716 e 1746, sendo Reitor em Tarija e *Procurador de Misiones*. A única referência é uma carta de Matías Strobel com um comentário sobre Recheberg: “*Gracias a sus conocimientos astronómicos y matemáticos ha comenzado a trabajar una grande obra cartográfica de todo el país, y ha compuesto ya un hermoso mapa del Paraguay.*” (FURLONG, 1936:67) O mapa compreende a área entre 317° e 325° de longitude, e entre 25° S e 31° S. Agrega uma escala de léguas espanholas na parte inferior. Na margem superior foi inserida uma tabela de população das reduções, as quais estão divididas entre os três grandes rios. Na margem inferior se encontram informações sobre os locais de morte dos padres Roque Gonzáles, Castillos, Rodrigues, Espinoza y Mendoza, ocorridas no século XVII. Estes

locais são assinalados no mapa nas proximidades das reduções da Banda Oriental do rio Uruguai.

A hidrografia apresenta menos distorções em comparação aos mapas anteriores, acrescentando alguns tributários dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai. A localização das reduções de guaranis também se verifica com mais precisão. Ao Norte do Paraná, o mapa apresenta um caminho entre a redução de Nuestra Señora de Fé e Asunción, sendo este o único caminho assinalado. Este caminho passa por diversos locais que parecem indicar capelas e povoados indígenas. Busca indicar os ervais das reduções do rio Uruguai, assim como aqueles pertencentes aos espanhóis e demais reduções. Indica estâncias a Leste do rio Uruguai e na mesopotâmia deste com o rio Paraná. É o único mapa da região platina que busca detalhar os *esteros* de Ñeembucu, área alagadiça do atual Departamento paraguaio de mesmo nome, localizados principalmente entre os rios Tebiquari e Paraná. No mapa se encontram conectados aos *esteros* do Lago Ypoá. Pelo caminho registrado e os *esteros* destacados, este mapa revela as seleções exclusivas de seu autor, em detrimento de outras informações que desconhecia ou, deliberadamente, ignorava.

Os mapas aqui apresentados compõe uma diminuta mostra da produção dos cartógrafos jesuítas entre os séculos XVII e XVIII no Rio de La Plata. Para que se tenha uma idéia, só o catálogo de Furlong está composto de mais de cem mapas, entre os referidos e os graficamente apresentados. Somando-se a isto o grande número de mapas, croquis e planos que descansam nos arquivos americanos e europeus – apenas para o caso da região platina – se fala de centenas de peças cartográficas. Concordando com o fato de que a cartografia histórica é ainda vista como periférica aos estudos do passado platino, se percebe que se está ignorando as possibilidades que este campo oferece. Isto não é uma exclusividade do caso platino em particular, mas sim uma realidade em quase todos os estudos de história americana.

No caso platino, se verifica que a cartografia sempre jogou um papel chave nos temas territoriais, onde compareceu, direta ou indiretamente, a cartografia jesuítica colonial. Apenas à título de exemplo, se pode recordar o Tratado de Limites de 1750 e a “Cuestión de las Misiones” entre Brasil e Argentina em princípios do século XX. Nos dois momentos, foram os mapas jesuíticos aceitos ou rechaçados por aqueles que trataram de apresentar argumentos a favor ou contra determinados domínios territoriais. É assim que se verifica o fato de que a cartografia histórica sempre foi um campo de interesse da diplomacia, enquanto segue ignorada pela ampla maioria dos historiadores

platinos. Quando muito, os mapas ocupam o tradicional lugar de ilustração dos temas tratados, esquecendo a capacidade da cartografia em oferecer dados, informações e interpretações que vão além das configurações territoriais.

Uma rápida olhada nos mapas produzidos pelos jesuítas permite ver a extensão de sua ação; a distribuição espacial de seus estabelecimentos e as inter-relações entre estes; a visão sobre a especialidade indígena de acordo com os interesses evangelizadores, políticos ou econômicos dos inicianos; a concepção do espaço colonial desde um ponto de vista jesuítico; as técnicas e os conhecimentos geográficos do período; o vasto imaginário que se desvela a partir das alegorias, iconografias e inclusive os textos que foram agregados às peças cartográficas. Ou seja, a cartografia jesuítica contribuiu para a organização colonial hispânica na América, definindo espaço, classificando e reordenando as sociedades indígenas, demarcando áreas fronteiriças internas e externas, e segue contribuindo para outra interpretação das ações impetradas pelos agentes coloniais, sejam eles espanhóis, *criollos*, civís, militares ou inclusive indígenas.

Mapas:

Mapa 01 - in: FURLONG, Guillermo. *Cartografía jesuítica del Río de la Plata*. Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, 1936. Lâmina I, n. 02 do Catálogo, p.21 do texto.

Mapa 02 - in: FURLONG, Guillermo. *Cartografía jesuítica del Río de la Plata*. Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, 1936. Lâmina XVIII, n. 24 do Catálogo, p.57 do texto.

Mapa 03 - in: FURLONG, Guillermo. *Cartografía jesuítica del Río de la Plata*. Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, 1936. Lâmina XLVI, n. 99 do Catálogo, p.120 do texto.

Mapa 04 - in: FURLONG, Guillermo. *Cartografía jesuítica del Río de la Plata*. Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, 1936. Lâmina XXI, n. 28 do Catálogo, p.66 do texto)

Referências bibliográficas

AMARAL, Dulce V. A Cartografia a serviço do imaginário no tempo e no espaço. *Revista Espaço e Geografia*, Brasília, EdUNB, 1999.

BURRUS, Ernest J. *La obra cartográfica de la Provincia Mexicana de la Compañía de Jesús (1567-1967)*. 2 vol., Madrid, Ediciones José Porrúa Turanzas, 1967.

COSTA, Maria de Fátima. *História de um País Inexistente. O Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo, Estação Liberdade, Ed. Kosmos, 1999.

FURLONG, Guillermo. *Cartografía jesuítica del Río de la Plata*. Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, 1936.

KINO, Eusebio Francisco S.J. *Las Misiones de Sonora y Arizona: Comprendiendo la crónica titulada Favores Celestiales y relación diaria de la entrada al noroeste*. Edición de Francisco Fernández del Castillo. México D.F. Archivo General e la Nación Vol. VIII. Editorial Cultura, 1922.

LEON-PORTILLA, Miguel. *Cartografía y Crónicas de la Antigua California*. México, UNAM, Editorial Alhambra Mexicana, 1989.

SEPP, Antonio S.J. *Viagem as Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos*. Com Nota de Rubens B. de Moraes e Introdução de Wolfgang Hoffmann Harnisch. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia/São Paulo, EDUSP, 1980.

STEFANŪK, Miguel Angel. *Evolución de la cartografía de Misiones*. Posadas, Ediciones Montoya, 1991.

SOBEL, Dava. *Longitude. A história de um gênio solitário que resolveu o maior problema científico do seu tempo*. Lisboa, Ed. Temas e Debates, 2000.